

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

SUANE MARTINS DOS SANTOS

**“TEM NAIPE DE ARTISTA, PIQUE DE JOGADOR, IMPRESSIONA NO ESTILO
DE PATIFE, ROUPA DE SHOPPING, ARTIGO DE GRIFE”:
ESTÉTICA DE CRIA EM JOVENS NEGROS DO COLÉGIO ESTADUAL RÔMULO
GALVÃO.**

Cachoeira - BA

2024

Suane Martins dos Santos

**“TEM NAIPE DE ARTISTA, PIQUE DE JOGADOR, IMPRESSIONA NO ESTILO
DE PATIFE, ROUPA DE SHOPPING, ARTIGO DE GRIFE”:
ESTÉTICA DE CRIA EM JOVENS NEGROS DO COLÉGIO ESTADUAL RÔMULO
GALVÃO.**

Etnografia, apresentada a Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidade e
Letras, como requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Pinho.

Cachoeira - BA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a toda a espiritualidade por ter me guiado até aqui e ter me puxado todas as vezes que estive no fundo do poço ao longo de toda essa trajetória que não foi fácil. Agradeço aos meus pais Sônia e Valdomiro por não ter me abandonado e ter dado a vida para que o nosso sonho da universidade fosse realizado, nunca me esquecerei de todo amor e dedicação que recebi. Agradeço aos meus irmãos Neto e Suzana, por todo apoio de sempre, principalmente Suxaninha, que independente de qualquer coisa sempre esteve comigo para tudo me mostrando que eu conseguia e acreditando em mim mesmo nos momentos que eu mesma não acreditei, te amo irmã. Agradeço aos meus primos Gabriel, Fernanda e Clarinha por todo apoio. Agradeço ao meu tio Gilberto, maior incentivador do meu sonho, quem sempre esteve comigo, independente das minhas escolhas. Agradeço a minha dinda Regina por também ter estado comigo desde sempre. Agradeço a minha avó Cilir, minha segunda mãe, que mesmo sem entender direito o que eu tô fazendo, me apoiou e me apoia todos os dias. Agradeço aos meus amigos Samara e Vinicius, por serem meus companheiros de graduação e ter feito essa caminhada ser um pouco mais leve. Agradeço aos meus amigos Cley, Alice e Fal que são meus maiores apoios desde sempre, estão comigo nas dores e nas alegrias e são meus companheiros de vida, amo vocês. Agradeço a todos os professores que foram luz nessa universidade, principalmente a Valdir Alves, que é inspiração para mim. Agradeço também a Kil, que enxugou as minhas lágrimas muitas vezes e não me deixou desacreditar da minha potencialidade. Agradeço a cidade de Cachoeira, por ter me acolhido nesses cinco anos, obrigada as águas do Paraguaçu por ter me banhado trazendo muitas coisas boas e levando todas as ruins. Por fim, agradeço a mim, por não ter desistido, não foi fácil, muitos dias e noites de choro, desespero, mas continuei, por vezes ferida, sangrando, mas continuei e cheguei até aqui. Como diz Abebe Bikila: EU SOU A CONTINUAÇÃO DE UM SONHO, DA MINHA MÃE E DO MEU PAI, DE TODOS QUE VIERAM ANTES DE MIM.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos *crias* que me inspiraram a fazê-lo. Meus alunos, meu irmão Neto, meu primo Gabriel, meus amigos, e sobretudo, ao meu primo Darlan e ao meu primo Samuel que não se encontram mais em terra. Essa é por todas as vezes que foram criticados por sua estética e essa é a forma que eu encontrei de transformar a minha dor. Obrigada por tudo, meus *crias*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I: SEMPRE NA ESTICA, CABELO ESCOVINHA.....	11
CAPÍTULO II: MULHER E DINHEIRO, DINHEIRO E MULHER, QUANTO MAIS VOCÊ TEM, MUITO MAIS VOCÊ QUER.....	22
2.1: ANEL DE OURO COMBINANDO COM AS CORRENTES, RELÓGIO CARO, É CLARO, DE MARCA QUENTE	34
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Tz da Coronel.....	26
Figura 2 - Mc Poze do Rodo	26
Figura 3 - Neto, meu irmão.....	27
Figura 4 - Samuel, meu primo.....	30
Figura 5 - Cria Ronisson.	31
Figura 6 - Cria Francismário.	31
Figura 7 - Cria Hiago.	32
Figura 8 - Cria Vitor Hugo	32
Figura 9- Página Look do Cria.....	36
Figura 10 - Chavoso da USP.....	36
Figura 11- Crias ao final da primeira roda de conversa.....	38

INTRODUÇÃO

Para que o leitor tenha uma breve noção do que se trata ser um *cria*, é para além da estética e de ser nascido e criado em determinado lugar, é “ter ideia” na favela, ter respeito, ter um devido reconhecimento, ter respaldo de chegar e sair, respeitando tudo que aquele lugar representa, no decorrer da etnografia o conceito será aprofundado.

Tudo começou, quando ainda criança, observava o meu primo mais velho Darlan (in memorian), a quem apelidava carinhosamente de Dal, se vestir e se comportar de uma forma diferente do que era costumeiro na minha família. Dal, a minha primeira referência de *cria*, estava sempre “trajado”¹ com as marcas que eram moda da favela na época, Hang Loose, Mahalo, Cyclone, Kenner e Billabong estavam sempre presentes em seu guarda-roupas, mesmo que falsificadas. Ele tinha um cuidado extremo com as suas duas Kenners, uma rosa e uma branca, sempre muito limpas e conservadas, ai de quem ousasse pisá-las. O grupo de rap Racionais’mcs estava sempre no último volume do som da sua casa. Sempre falando gírias, com o andar estilo rapper americano². Via a todo momento olhares maldosos e críticas da minha família direcionadas a ele, e isso sempre me incomodou, pois admirava-o e achava aquilo tudo fantástico. Infelizmente, em dezembro de 2023, Dal foi vítima de assassinato.

Nas gerações seguintes vieram meu primo Gabriel (20 anos), meu irmão Neto (17 anos) e meu primo Samuel (in memorian) (13 anos). Gabi, desde que começou a escolher o seu próprio estilo, sempre se vestiu e se comportou como um *cria*. Roupas streetwear³, correntes, brincos, cabelo sempre na “régua”, os estilos musicais que mais escuta são rap e trap e as gírias fazem parte do seu vocabulário regularmente. Neto, sempre “trajado” de marcas como MCD e Nike, nos pés a sandália da marca Kenner não podem faltar, não sai de casa de forma alguma se o cabelo não estiver na “régua”⁴, correntes super pesadas com o pingente escrito seu vulgo (“NT”), “dedeiras”⁵, relógios grandes, as gírias são corriqueiras e seu estilo musical favorito é o trap. Samuel sempre foi muito vaidoso, tinha o cabelo grande e cheio de cachinhos, passava horas arrumando-os, suas correntes, “dedeiras” e relógios também não poderiam faltar, seu estilo musical favorito era o trap, as gírias nunca paravam de se misturar em suas palavras e a sua maior inspiração era seu irmão Gabriel e seu primo Neto. Além de todas essas coisas em comum, eles compartilhavam do olhar julgador da família e da

¹ “Trajado” é uma gíria usada para substituir a palavra “vestido”.

² Andar estilo rapper americano é um andar com ginga, puxando a perna.

³ Streetwear significa moda urbana.

⁴ Régua significa estar com o cabelo cortado.

⁵ Dedeiras são anéis.

sociedade como um todo, e precisavam/precisam se defender de críticas desde sempre. Essa situação me incomoda e me instiga a fazer um trabalho que os faça sentir representados e confortáveis para serem quem quiserem ser.

Os meus alunos também sempre me inspiraram muito. Desde o meu primeiro estágio na rede pública de ensino, no ano de 2021, no colégio estadual Rotary que fica localizado na cidade de Feira de Santana-BA, percebi que os meninos estavam cada vez mais se preocupando com a aparência e tinham quase sempre a mesma estética, a de *cria*. Aquilo me despertou uma curiosidade e uma vontade imensa de dar voz a aqueles adolescentes, de falar sobre eles, de mostrar que eles existem.

Como pode-se notar, esse trabalho é, sobretudo, afetivo. Ao mesmo tempo em que sinto um prazer imenso em escrevê-lo, sinto uma dor que transpassa a minha alma, pois duas das minhas maiores inspirações saíram da minha vida de forma inesperada e violenta. Dal, quem eu considerava o meu irmão mais velho, foi assassinado, como já havia dito, e Sam faleceu no ano de 2023, vítima de dengue hemorrágica. As lágrimas são minhas companheiras de escrita. Essa dor também me motiva, pois faço dela combustível para homenagear pessoas tão importantes na minha trajetória.

Esta pesquisa foi realizada no colégio estadual Rômulo Galvão (CERG), na cidade de São Félix-BA, no ano de 2024. Foram observados e entrevistados estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, e Emiti dois (curso técnico em Segurança do Trabalho), com idades de 16 a 18 anos. O CERG é um centro de ensino que atende a população que se encontra na linha de pobreza da cidade de São Félix (considerando que segundo o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2022, apenas 15,81% da população sanfelista está ocupada com trabalhos formais e 51,5% da população possui rendimento nominal mensal per capita de até ½ salário mínimo), sendo a maior parte do corpo discente de pessoas negras. Faço parte do programa de Residência Pedagógica em Sociologia e o meu subnúcleo é lá, por ter uma intimidade maior com o corpo docente e discente do colégio optei por fazer a minha pesquisa no mesmo.

O trabalho foi dividido em quatro etapas. Comecei fazendo observação as segundas e quartas-feiras durante três semanas. Fechado esse período, selecionei os meninos que melhor se encaixariam no que eu buscava a partir do jeito em que se vestiam e se comportavam, conversei com os mesmos e eles concordaram em fazer parte da pesquisa. Foram selecionados nove adolescentes, a partir da estética que apresentavam. Após o acordo, marquei uma roda de conversa com eles para falar sobre ser *cria* e tudo que o termo acarreta, levei o meu colega de curso e amigo pessoal, Vinicius Lopes, *cria* do bairro Tororó, da cidade de Cachoeira-BA,

pois ninguém melhor que um *cria* para falar sobre o assunto. Ao final da roda de conversa, entreguei o termo de consentimento do uso de voz e imagem, para que pudessem preencher e me entregar no dia das entrevistas. Em seguida aconteceram as entrevistas, que foram realizadas com um estudante por vez e pedi para que cada um me mandasse uma foto em que se sentisse o mais *cria* possível. Apenas sete estudantes participaram das entrevistas, pois os outros dois faltaram no dia da realização das mesmas.

Por último, fiz uma nova roda de conversa com os *crias* em que fizemos uma análise da música “Estilo Cachorro” do grupo de rap Racionais Mc’s, a qual é trilha sonora e nomeia esse trabalho. Comecei colocando a música para que ouvissem e perguntei o que achavam dela, em seguida fui lendo alguns trechos da letra da música e fazendo algumas perguntas relacionadas ao tema pesquisado.

Pretendo, ao final deste trabalho, voltar ao colégio para apresentar resultados e se todos toparem, exibir as entrevistas para que ao menos as turmas dos estudantes que participaram possam ter acesso ao que foi realizado.

Optei por fazer uma etnografia porque, como antropóloga, penso que não há maneira melhor de se fazer uma pesquisa para entender determinada cultura do que escrevendo uma.

A etnografia, enquanto um fazer com tradição própria e articulada às diferentes perspectivas antropológicas, apresenta-se como possibilidade de compreensão do mundo e do humano que está aberta à captação da personalidade e do envolvimento de quem a realiza. Desse modo, a prática etnográfica não se fundamenta exclusivamente em ações metódicas, imparciais e desencarnadas. Pelo contrário, há relativo consenso antropológico na percepção de que o processo de produção do conhecimento etnográfico – muitas vezes representado pelos atos de “olhar, ouvir e escrever” (Oliveira, 1996) – depende, em grande medida, da própria assimilação da pessoa que pesquisa pelo campo pesquisado (Peirano, 2008). (CARNIEL E THOMAZ, 2021, p.117)

Principalmente por ser uma pesquisa de cunho afetivo em que estou diretamente envolvida com o tema escolhido a ser pesquisado, entendo que assim como CARNIEL e THOMAZ colocam, o modelo etnográfico que não precisa ser imparcial e preso a metodologias tradicionais, é o que se encaixa melhor a essa escrita, pois além da percepção direta dos pesquisados trago também a minha percepção enquanto observante do mundo dos *crias*, inspirada ainda no grupo de pesquisa Territorialidade, Patrimônio e Violência no Recôncavo da Bahia, do qual faço parte, que busca sempre valorizar a prática de metodologias alternativas.

Transformar o meu campo de estágio em minha pesquisa etnográfica é desafiador. É necessário educar o olhar de pesquisadora e professora ao mesmo tempo. Preciso observar o que é de interesse da pesquisa e o que é necessário para ser uma boa professora. Ademais, ser

pesquisadora e professora no mesmo ambiente faz com que a minha percepção esteja treinada e afiada para desnaturalizar o que normalmente passaria despercebido na correria do dia a dia de uma sala de aula, se tornando um diferencial para que entenda melhor as turmas em questão, tornando-se uma docência mais sensível ao que o campo está gritando.

Em meio a tal percurso formativo, propomos a ideia de que a prática etnográfica pode contribuir com maneiras de educar a percepção de si e dos outros, por meio do aprofundamento de exercícios reflexivos de estranhamento e de desnaturalização que potencializam as experiências oferecidas ao longo dos estágios supervisionados em ciências sociais. (CARNIEL E THOMAZ, 2021, p.116)

Os estudantes pesquisados fogem totalmente do padrão de “bom aluno” que as escolas costumam adotar, que se traduz em meninos geralmente brancos, que costumam não performar a estética de *cria* já que a escola considera estudantes pretos e pardos como criminosos em potencial (GIUGLIANI, 2016, p. 92).

É necessário para a escola identificar as formas específicas de masculinidade que operam em seu entorno e reconhecer o padrão dominante de masculinidade que a própria escola constrói e desempenha, valorizando o conceito de bom aluno, aluno adequado ou aquele aluno candidato a repetência e reconhecendo-o como algo normativo . (GIUGLIANI, 2016, p. 85)

Notei, a partir do que foi observado, que são estudantes com um comportamento típico de um *cria* (discutiremos sobre nos próximos capítulos) e essas características são suficientes para que hipoteticamente ocorra um certo tipo de preconceito e estranhamento dos professores e coordenação em relação a esses estudantes. A escola não se encontra preparada para lidar com as diferenças e acabam tomando medidas discriminatórias e de certa forma violentas.

O mais importante, talvez, esteja alinhado à percepção de que as escolas não estão suficientemente preparadas para lidar com pessoas que extrapolam aquilo que François Dubet (1997) denominou como “aluno médio”. Conforme ensina esse conceito, todos aqueles e aquelas que não se enquadram na ideia desincorporada, genérica e individualizada de estudante convertem-se em um problema para o funcionamento “normal” das instituições de ensino. (CARNIEL E THOMAZ, 2021, p.124)

Tornar o fenômeno *cria* passível de análise social é tirá-lo desse lugar corriqueiro e natural, como parte da explicação do porquê de certos alunos serem problemáticos. Faz-se necessário estudar sobre e mostrar que não funciona dessa forma, que nossas percepções e olhares de professores são moldados pelo preconceito e racismo e isso precisa ser desconstruído e mudado.

• Isso significa dizer que um estágio-etnografia nas escolas possibilita ao licenciando ou licencianda a fabricação de práticas pedagógicas que concebam a diferença para algo além de um tema-objeto, que visa a aliviar tensões ocasionadas por discriminações e preconceitos em sala de aula. Em outras palavras, é necessário

produzir práticas pedagógicas que concebam a diferença enquanto uma matéria viva presente no ambiente escolar e que emerge dos sujeitos e das relações que ali são estabelecidas, agindo sobre e sob os regimes de conhecimento, alterando e ampliando as perspectivas limitadas do sistema escolar. (CARNIEL E THOMAZ, 2021, p.125)

O fazer etnográfico na escola, principalmente no colégio em questão, pode contribuir de forma significativa com as práticas docentes. Observar às relações, os diálogos, as particularidades e a diversidade presentes no espaço pode fazer com que o ensino seja cada vez mais de qualidade e formador de cidadãos que saibam viver em coletivo onde quer que eles estejam presentes. Só assim, aqueles que são considerados o “futuro da nação” podem ser um futuro inteligente e humanizado.

A etnografia requer o estranhamento de fenômenos diários. Desse modo, pode-se dizer que o exercício etnográfico nas escolas incorpora a desnaturalização, pois implica em uma atitude que nos faz indagar sobre aquilo que nos é apresentado como imutável, necessário ou universal, para compreendemos as dinâmicas históricas, contingentes e parciais que possibilitaram a sua postulação. Evidentemente, uma escola continuará sendo uma instituição formadora quando analisada pela perspectiva antropológica. Contudo, o que a etnografia permite é a apreensão de relações, sujeitos, perspectivas e concepções que também participam da formação humana, mas muitas vezes são desconsideradas pelas narrativas oficiais ou institucionais que orientam a formação docente. No caso dos estágios supervisionados, a prática etnográfica favorece ainda o estabelecimento de outras alteridades que, ao invés de reduzirem o aprendizado da docência, multiplicam suas possibilidades. (CARNIEL E THOMAZ, 2021, p.126)

Objetivo com esta pesquisa, para além da percepção generalizada que tenho por conviver diariamente e de certa forma estar inserida nesse meio, é entender o que é ser um *cria* na visão dos próprios *crias*. Busco também possibilitar ouvir os *crias* interlocutores, sendo assim uma mediadora desse diálogo, auxiliando nessa busca pela liberdade de ser o que se quer ser. Uma sociedade em que todos exerçam o direito assegurado pela constituição de liberdade de expressão seria muito mais acolhedora e muitos problemas poderiam ser evitados, como a violência causada pelo preconceito, falta de autoestima que pode levar a uma série de doenças emocionais comuns entre os jovens como ansiedade e depressão, talvez seja utópico, mas penso que a educação é o caminho para que se concretize.

Todos os *crias* têm em alguém a inspiração para serem quem são, seja em um irmão mais velho, no pai, nos próprios amigos ou em artistas que são fãs, como foram as respostas dos jovens entrevistados. Reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social (VELHO, 1987, p. 26). A forma como se expressam esteticamente é como mostram de onde são, quem são, suas referências. É importante ainda que se entenda com a leitura dessa etnografia o que raça, gênero e classe social influenciam em toda a complexidade do que é ser um *cria*.

Almejo que a comunidade acadêmica, a comunidade escolar e quem mais desejar ler esse trabalho possa compreender o que de fato é ser um *cria*. Além de criar novas estratégias pedagógicas dentro do colégio para lidar com tais diferenças.

Diante das leituras e pesquisas que fiz durante a minha trajetória na academia, pude perceber que dentro da comunidade acadêmica há muitos trabalhos que tratam de estética corporal de pessoas pretas, mas quase nenhum se dá dentro de escolas públicas e um número mínimo dá voz a esses (as) jovens estudantes. É exatamente o que essa pesquisa realizará. É de extrema necessidade que estudemos esse tema valorizando a voz dos sujeitos da pesquisa e aproximando-os da comunidade acadêmica. Tendo feito isso, se poderão ter maiores possibilidades de propor soluções para os problemas que o tema acarreta de forma mais eficaz e duradoura.

Esta etnografia está dividida em cinco partes. Primeiro a introdução, em que estão presentes as motivações das quais me levaram a escolher o objeto de pesquisa; descrevo o campo de pesquisa e os pesquisados; trago a metodologia usada desde a observação até a escrita etnográfica; a importância do fazer etnográfico dentro do ambiente escolar; me coloco como professora pesquisadora e de que forma isso impacta no fazer etnográfico; os objetivos da pesquisa e por fim descrevo de forma simplória o que será discutido nos próximos capítulos.

No capítulo I, trago a noção de estética que abordo, fazendo uma breve discussão sobre a mesma e justificando o seu uso. Faço um recorte racial, de gênero e de classe sobre os interlocutores da pesquisa. Coloco a importância da estética de *cria* para jovens negros e descrevo o que é ser um *cria* e o que é de fato ter uma estética de *cria*.

No capítulo II começo a discussão trazendo a influência do grupo de rap Racionais Mc's e de outros artistas na estética de *cria*. São colocados pontos como ostentação e consumo, que são de suma importância para o tema. Trago a questão da violência direcionada aos *crias*. E discuto pontos como valorização da autoestima, estratégias para manter a estética de *cria* e valorização do outro, trazendo Fanon para dar luz ao ponto levantado.

Na seção 2.1 começo falando sobre a linguagem utilizada pelos *crias*. Prossigo falando sobre a popularização da estética de *cria* e as consequências disso. Faço uma breve discussão sobre moda e finalizo falando sobre os sonhos desses *crias*.

Finalizo o trabalho com a conclusão, onde ressalto a importância do uso da fotografia na etnografia, a pergunta e os argumentos norteadores do trabalho e os resultados alcançados.

CAPÍTULO I: SEMPRE NA ESTICA, CABELO ESCOVINHA

Trazer à tona a discussão sobre estética, ao contrário do que se pensa, não é apenas falar sobre o que está na superfície, o que é alcançável aos olhos. Os *crias* possuem uma série de elementos que compõem a sua estética e que precisam ser abordados quando a discussão é voltada a esse tema.

É dessa perspectiva que argumentamos que a aparência não pode ser, em nosso caso, qualificada como mera, na medida em que nela estão codificados significados que estão para além do visível. Em outros termos, não há nada de superficial no que nos é revelado pela superfície dos corpos. (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO, 2019, p. 165)

Por meio da estética podemos ter acesso a diversos aspectos da vida da pessoa observada. Questões de gênero, raça e classe sempre estão presentes em cada performance corporal, por esse motivo, falar sobre estética de *cria* não é apenas levantar a discussão de como os jovens pesquisados se vestem ou cortam o cabelo, é ler também nas entrelinhas o que eles querem dizer com a sua aparência, que marcas, dores e lutas estão presentes nesses corpos. A respeito de gênero Judith Butler diz:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2018, p. 17)

É o mesmo que acontece com a estética. Ela é composta por várias interseccionalidades que a definem, assim como o gênero, a estética é composta por categorias raciais, regionais, classistas, identitárias, políticas, de gênero, culturais, etc. Trata-se de uma estética vernácula, incorporada. Tudo isso precisa ser levado em conta quando se discute estética de *cria*. Performar uma estética é para além do que está posto biologicamente e socialmente, ser fora da casinha que se é colocado quando se nasce pela sociedade sobre o que é certo e o que é errado, podemos levar em consideração a fala de Butler quando ela coloca que:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2018, p. 21)

Da mesma forma com que ela trata a questão de gênero, pode-se levar em consideração a questão estética de um corpo preto que é programado para ser um corpo subserviente e inferior ao corpo branco, assumindo uma estética diferente da que lhes é imposta ele rompe com a noção de que precisa ser dessa ou daquela forma para não ser colocado à margem.

É possível perceber que a fase em que mais nos preocupamos com a nossa aparência, de que forma o que vestimos irá impactar o outro, que imagem passaremos ao sair na rua vestidos de uma forma ou de outra é durante a juventude. Nessa fase estamos sempre preocupados se estamos feios ou bonitos, se no colégio irão te “zoar” por esse ou aquele motivo. Sempre procuramos buscar formas de nos blindar contra qualquer tipo de bullying e se preocupar com a estética é o artifício principal utilizado pelos jovens. Não seria diferente com os *crias*.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista da juventude, a centralidade que as estéticas corporais adquirem em seus projetos atravessa não apenas os diferentes gêneros, sexualidades e ou marcadores raciais, mas também as diferentes classes. O que os diferenciaria, como argumentamos em outra ocasião com Bourdieu (1984), seriam questões relativas à constituição do gosto (MIZRAHI, 2015). (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO, 2019, p. 150)

Voltar o olhar para a estética corporal de jovens negros, é prestar atenção no que eles querem e precisam dizer. É necessário que estejamos com o olhar atento e sensível sempre, principalmente em ambientes como a escola e em casa. Escolher adotar algum tipo de estética diferente do convencional é mostrar autonomia, se afirmar enquanto ser que tem seus próprios gostos, desejos e ideias. A escola e a família precisam estar preparadas para lidar com essas diferenças sem julgamentos e preconceitos, apenas entendendo e acolhendo, afinal são nesses ambientes que esses jovens elaboram quem serão no futuro.

A estética corporal é uma dimensão fundamental dos processos de subjetivação juvenis. É por meio dela que os jovens se mostram no mundo e mostram como entendem esse mesmo mundo. E esses conflitos mostram ao fim que o que os jovens buscam é garantir a autonomia sobre seus corpos e aparências. Por sua vez, o descompasso geracional indica que as instâncias de gestão precisam se despir de suas concepções e conhecimentos prévios para levarem a sério as muitas reivindicações juvenis. Como propôs Serres (2013), se é a escola que queremos transformar é aos jovens que devemos ouvir. E se, como demonstrou Nilma Lino Gomes (2003), a estética tem poderes para promover uma educação antirracista, olhar para ela do ponto-de-vista dos jovens certamente contribuirá para a tarefa de repensarmos o projeto escolar. (MIZRAHI, 2015). (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO, 2019, p. 165)

Um ponto crucial a ser colocado é que a raça é um fator estético determinante no caso da estética de *cria*, pois quem adota essa estética são pessoas pretas, a exemplo disso, todos os

entrevistados se identificaram como homens pretos e pardos. A estética sempre foi uma questão para pessoas negras e no caso dessa pesquisa, homens negros. É também através da estética que homens negros reafirmam a sua posição enquanto homens, além de sempre ter sido uma preocupação, pois é através dela que se define quem é ou não uma “pessoa de bem”. Tudo relacionado à estética negra sempre foi colocado em um lugar de marginalidade, decorrente disso, homens negros precisaram fugir por muito tempo de uma estética negra para se adaptarem a um padrão branco de ser. Como coloca Fanon, “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.” (FANON, 2008, p.28)

O que acontecia era que a grande maioria não tinha coragem de se assumir, ninguém queria ser chamado de negro, ficando isso relacionado às pessoas que estavam envolvidas com música, dança e o movimento negro e os poucos que se assumiam sofriam com a discriminação. Esse temor em se assumir mostra o quanto a sociedade era preconceituosa e de certa forma fazia com que o negro tomasse como seu, para ser aceito, um padrão estético do branco. (COUTINHO, 2009, p.5)

Todos os esforços dos seus antepassados geraram frutos e fizeram grande diferença no que acontece hoje. Os jovens pretos estão cada vez mais afirmando o seu estilo próprio, adotando uma estética corporal que antes lhes era proibido. Eles estão indo contra todo o padrão estético branco que lhes foi imposto e assumindo quem são e o que gostam, mesmo que a sociedade no geral esteja a todo momento tentando impedi-los disso fazendo da violência a sua maior aliada nessa empreitada.

A invenção do brau como uma ‘personalidade-personagem’ autônoma da reafirmação testemunha uma reconversão de significados associados ao negro e ao corpo negro, instância historicamente re-posta como o lugar de instalação da negritude irreduzível. O brau que não apenas desafia a norma estética, mas também o cânone da cultura negra tradicional, põe em cena novas contradições de raça e gênero incorporadas no desconforto que sua presença significa para a norma hegemônica sustentada pelas classes médias brancas. (PINHO, 2005, p.130)

Assim como o Brau, os *crias* usam a sua estética como uma forma de reinvenção da sua identidade, é uma forma de se verem representados, de possuírem algo que é próprio, uma cultura totalmente sua, com referências e particularidades totalmente negras. Os *crias* incomodam com seu estilo e seu jeito de ser, como escreve Pinho, trazem desconforto às normas estéticas hegemônicas brancas.

Assumir a estética de um *cria* é, mesmo que inconscientemente, se reafirmar enquanto um homem negro. É uma estratégia forte de combate ao racismo, é mostrar para a sociedade que todas as tentativas de negação e apagamento não foram e não estão sendo o suficiente, é ruir as estruturas do projeto branco de superioridade. “Mas se o corpo parece ser marca de uma quarta onda feminista, esse corpo surge novamente como crucial quando nos voltamos

para reivindicações juvenis outras, como as que possuem na raça marcador de diferença fundamental”. (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO, 2019, p. 150)

Na discussão sobre estética é de suma importância apontar os estragos que os estudiosos racialistas fizeram no imaginário brasileiro. Esses pensadores fizeram o desserviço de disseminar no pensamento popular a inferioridade do negro brasileiro tanto intelectual, quanto fisicamente. Entre eles está o médico legista Raimundo Nina Rodrigues, o qual é extremamente aclamado pelos seus feitos e descobertas e se inspira no psiquiatra italiano Cesare Lombroso. Nina Rodrigues se debruçou sobre a explicação do “problema do negro no Brasil” e um dos seus aparatos para explicar tal problema foi a antropometria, onde o médico fazia estudos em crânios de pessoas negras buscando aí a justificativa para a sua teoria de inferioridade, inclinação criminal e dificuldade de adaptação a civilização do negro, seguindo o método de Lombroso.

Para alguns autores, e Keane esposa esta explicação, seria a ossificação precoce das suturas cranianas que, obstando o desenvolvimento do cérebro, se tornaria responsável por aquela consequência. E a permanência irreparável deste vício aí se está a atestar na incapacidade revelada pelos negros, em todo o decurso do período histórico, não só para assimilar a civilização dos diversos povos com que estiveram em contato, como ainda para criar cultura própria. (RODRIGUES, 2010, p.289)

A ossificação será precoce mas não prematura, pois ocorre em tempo e de harmonia com o reduzido desenvolvimento mental de que os povos negros são dotados. (RODRIGUES, 2010, p.289)

Muitos outros autores se inspiraram no pensamento de Rodrigues para atestar a inferioridade do negro e essas ideias proliferaram de forma muito rápida e orgânica. Decorrente disso, ainda hoje, tudo que está ligado ao indivíduo negro é inferior e marginal. Não seria diferente com a estética e mais precisamente com a estética de *cria*. A estética de *cria* é uma estética de favela, onde a maioria dos moradores são pretos e conseqüentemente, a maior parte de quem adota essa estética são também pessoas negras, fica claro que ela seria colocada à margem.

Colocar o negro em um lugar de criminalidade também tem grande influência de Nina Rodrigues. O autor colocou o negro, mais especificamente o homem negro como criminoso nato, com justificativas biológicas para tal fato. Conseqüentemente, a estética de *cria* também está condicionada a esse lugar. Dizem por aí que quem adota a estética de *cria* é bandido, “com certeza se envolve em coisa errada”. “A contribuição dos negros a esta espécie de criminalidade é das mais elevadas. Na sua forma, esses atos procedem, uns do estádio da sua evolução jurídica, procedem outros do das suas crenças religiosas” (RODRIGUES, 2010, p.301). Isso só pode ser mudado, mudando as estruturas de poder:

(...) pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem, também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? (KILOMBA, 2020, p.12-13)

“(...) a desvantagem é que você é muito visado pelo jeito de se vestir, principalmente pela polícia (...)”. Essa é uma parte da resposta de um dos entrevistados, quando pergunto a desvantagem de ser um *cria*. O que ele diz, ilustra muito bem o pensamento de Nina Rodrigues. Esses estudos influenciaram de forma significativa o pensamento social brasileiro, que associa tudo que é culturalmente preto ao criminoso, feio e impróprio. Não seria diferente com a polícia militar, que é uma instituição social, reflexo desse pensamento. Tratar esses corpos negros como abejtos, como fez Rodrigues, faz com que esses corpos não tenham o direito de escrever sua própria história, portanto são lidos segundo a histórias que os outros contam. Sobre isso Grada Kilomba, apoiada em Bell Hooks, fala:

(...) bell hooks usa estes dois conceitos de “sujeito” e “objeto” argumentando que sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos.” (hooks, 1989, p. 42). (KILOMBA, 2020, p. 28)

A palavra *cria* é advinda do sudeste brasileiro, mais precisamente do Rio de Janeiro, difundida principalmente através da música, pelo Brasil afora. Entretanto, aqui na Bahia, essa performance recebia outros nomes, como mavambo, foveiro (ainda muito usado), brau, dentre outros. Sobre esse último, Osmundo Pinho diz:

A personagem (ou a performance), meio ficcional, meio sociológica, do brau é bem conhecida em Salvador: um homem jovem, quase sempre negro, vestido de forma ‘aberrante’, com modos e gestos agressivos e de difícil classificação no padrão tradicional das etiquetas raciais na Bahia. (PINHO, 2005, p.130)

A mesma definição ainda é usada para definir um *cria*, ele também é na maioria das vezes um jovem negro, com uma forma de se vestir diferente do padrão branco aceito como bonito e clássico pela sociedade brasileira, por isso considerada deselegante e “aberrante” (PINHO, 2005, p.130), com um comportamento inerente do meio em que vive, além de a agressividade também ser um fator destacado quando se fala em *crias*.

O *cria* está sempre performando imponência como uma forma de obter respeito entre seus iguais e geralmente a forma com que ele demonstra essa imponência é performando um jeito violento de ser, pois um *cria* sente a necessidade de ser respeitado na favela. Quando

perguntados sobre o comportamento de um *cria*, os entrevistados responderam que precisava ter “postura”, indaguei o que seria ter “postura” e um deles respondeu: plantado num lugar assim, com cara fechada, pan, tem que ter a pala da maloca.

Enquanto no Bar Cultural foi possível testemunhar a atuação de todo um regime de corporalidade marcado pela identificação com valores de ‘bom-gosto’ e autodisciplina corporal, um habitus coincidente com alguns dos modelos representados para o ‘branco’ jovem de classe média em Salvador, no Proibido Proibir verificou-se, por outro lado, toda a explosão exuberante das performances hipermasculinizadas e ritualmente agressivas dos braus, que não hesitavam em explorar e exhibir seu próprio corpo, dançando ou semidesnudando-se, aludindo freqüentemente ao sexo como uma forma de estampar no ambiente a retórica da sexualidade exacerbada que justamente os qualificaria como excessivamente ‘negros’. (PINHO, 2005, p.132)

No ano de 2014 foi realizado nas cidades de Cachoeira e São Félix o projeto Brincadeira de Negão, coordenado pelo professor Osmundo Pinho. Esse projeto visava pesquisar masculinidades negras com jovens de dois colégios, um de cada cidade. Já nesse ano, esses jovens negros já adotavam a postura de *cria* que falei antes e se espelhavam no “patrão”, queriam ser o patrão.

O “patrão” é sexualmente hiperativo e dominante, se veste bem e valoriza roupas de marcas caras, tem “disposição” para a violência. Tudo isso se combina para produzir uma imagem de poder masculino juvenil, -estruturado pelo discurso da sexualidade, da violência e do mercado. (PINHO, 2014, p. 4-5)

Performar violência fazia parte da masculinidade desses jovens. Decorrente disso, Pinho abordou “botar a base” como categoria de análise e definiu o ato como “uma postura corporal física, assumir uma posição de combate”, além de uma forma de “ser homem”, ter respeito. Esses jovens estão sempre prontos pro combate, para mostrar o quanto são homens botando a base e isso também é ser um *cria*.

A simulação da violência, sua teatralização, ameaças frequentes de agressão e o próprio enfrentamento físico são elemento constante do universo cultural dos agentes. Nossa intuição provisória é que a retórica da violência, e sua performance, é mais frequente que a violência ela mesma, exercendo um elemento de dissuasão. Mas, de qualquer forma, o vocabulário da violência, parece ser uma das linguagens privilegiadas da masculinidade. O que parece sintetizado na postura física, enunciado corporal, de “botar a base”. (PINHO, 2014, p. 7)

Outra forma pela qual os *crias* buscam respeito é através da autosexualização, afinal conquistar e despertar interesse das meninas também faz parte do que é ser um *cria*. Alguns preferem saber dançar para ganhar destaque nas festas de paredão⁶, outros preferem estar posturados⁷ em todo e qualquer ambiente, e dessas duas formas conseguem ter um destaque

⁶ Festa de paredão, são festas que geralmente acontecem nas comunidades, onde o som é automotivo (conhecido popularmente como paredão).

⁷ Estar posturado, é estar sempre sério.

maior entre as novinhas⁸ da favela e as garotas brancas de fora dela. A grande maioria desses jovens também sentem a necessidade de destacar a todo momento a sua sexualidade, a sua virilidade reforçando sempre o estereotipo de homem negro viril e extremamente sexual. A exemplo disso, todos os entrevistados quando perguntados sobre a sua sexualidade e gênero, respondiam sem nenhuma pausa para o respiro, HOMEM E HETERO, alguns até soltaram uma risadinha interpretada por mim como “claro que sou homem”.

Quanto à forma de se vestir, o *cria* precisa estar sempre trajado com as roupas e os acessórios das marcas que ganham destaque na favela. Estão entre elas, Nike, Adidas, Seaway, Kenner, Quiksilver, etc. O cabelo precisa estar sempre na régua, seja com penteados (tranças e afins) ou com cortes de cabelo de *cria*. Correntes com os mais variados tamanhos de pingentes, dedeiras, brincos sempre brilhantes, bonés, também não podem faltar na estética dos *crias*. Como dizem os entrevistados, “cordão”, “brinco”, “reloginho paloso”. A sandália da marca Kenner já é marca registrada no meio dos *crias*, raramente você encontra um *cria* que não tenha uma. Quanto ao que um *cria* precisa ter para conquistar, um dos interlocutores respondeu que: “o cara ser bonito, pa, se arrumar, meter uma beca massa, se perfumar ta ligado, passa um perfume bom, um malbeczinho”.

O jeito de falar também é de grande importância na personalidade de um *cria*. Os *crias* tem uma linguagem própria, que é também uma linguagem da favela. A gírias estão sempre presentes no seu vocabulário. As entrevistas são uma prova viva disso, sempre usam “tá ligado”, “paloso”. O que é motivo de muita crítica e preconceito pela sociedade infectada pelo pensamento branco europeu.

Os *crias* tem um modo próprio de andar que é bastante influenciado pelos rappers norte americanos, tem um jeito próprio de tratar um ao outro, onde o respeito vem sempre a frente, mas nem em sonhos pode haver muito contato físico e emocional, afinal homens negros precisam demonstrar virilidade a todo momento. Um exemplo disso é quando recito o trecho “*Vi uns e outro aí, bom rapaz, abre o coração, sofre demais*” da música “*Estilo Cachorro*” de Racionais Mc’s e pergunto se um *cria* pode chorar, demonstrar sentimentos na frente de outros *crias* e um dos entrevistados me responde, “cê não sofre não, mantém a postura aí”.

Observando os estilos musicais rap, trap, funk, pagode baiano e observando também os jogadores de futebol, que influenciam diretamente no comportamento de jovens pretos periféricos, questionei os interlocutores da pesquisa usando o seguinte trecho: “*Conhece*

⁸ Novinhas, são as meninas.

várias gatas, tipos diferentes, as pretas, as brancas, as frias, as quentes, loira tingida, preta sensual”. A partir daí comecei a questionar sobre a importância da conquista, se o estilo influenciaria nisso e sobre qual a cor das mulheres que eles preferiam para ter algum tipo de relacionamento. Ao primeiro questionamento começaram me respondendo que era importante, que influenciava na autoestima. Na segunda responderam que “é, tipo, falando assim, o cara é conhecido, é falado, aí a nega cria olho, tá ligado?”, mas a terceira pergunta é o que me deixou mais intrigada e me fez entender o que já havia refletido sobre, observando os intérpretes dos estilos musicais que citei acima e os jogadores de futebol. Comecei questionando sobre meninas brancas e pretas e me responderam que “porra, sei lá, professora, se a nega branca é gostosa, e se a preta é gostosa, nós pega também”. Não satisfeita, questionei qual preferiam para assumir um relacionamento, alguns responderam que dependia do caráter e do sentimento, mas um deles respondeu que “com uma branca”, perguntei o porquê e obtive a seguinte resposta, “eu sei lá, eu só pego menina branca. Pegar, eu pego preta também, mas as branca também é massa. Mas se a preta quiser namorar e eu também, nós namora, mas prefiro as branca”.

Mesmo que sem perceber, os *crias* espelham suas vidas nas vidas de cantores e jogadores de futebol pretos que cantam e ostentam, a partir do momento em que ascendem de vida, muitas mulheres e mulheres brancas em sua maioria. Objetificar mulheres, como se fosse um objeto qualquer, que podem comprar em uma loja no shopping, faz parte do cotidiano desses homens. Um exemplo disso é o cantor de trap Orochi, na música “Droga e Festa” que diz “*Nada me ilude, Ela quer sexo, Eu não me apego, Mas fodo ela sempre*”, além de ostentar em suas redes sociais vídeos com várias mulheres brancas ao seu lado, como uma forma de mostrar que realmente ascendeu de vida. Jogadores como Neymar e Éder Militão, dentre outros que seguem a mesma linha de raciocínio dos cantores. Quando questionei os meninos sobre sonhos, um deles me respondeu que um dos seus sonhos seria ter a sua mulher branca do lado, igual o cantor de trap Oruan, de quem é fã.

A objetificação feminina presente nessas músicas e na vida social como um todo desses sujeitos influenciadores sociais, ajuda a produzir cada vez mais desigualdades na escala homem preto, mulher preta e homem branco. Esses meninos aprendem desde cedo a colocar mulheres pretas em posição usual e de desprezo, tenho essa percepção a partir das entrevistas em que alguns meninos disseram que preferiam namorar meninas brancas e as pretas seriam apenas para “pegar”. Tentam se encaixar em um mundo branco para que consigam mostrar socialmente que mudaram de vida e que podem comprar o que quiser, inclusive mulheres. Como coloca Frantz Fanon “Todo povo colonizado — isto é, todo povo

no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. (FANON, 2008, p. 34). O homem preto que foi inferiorizado desde que o branco decidiu que deveria escravizá-lo, hoje quer viver como um branco, quer mostrar que pode ser igual ao seu civilizador e a forma mais eficaz é através do relacionamento com o outro:

De certo ponto de vista, parece evidente, em primeiro lugar, que os modelos sociais de homem e mulher são definidos de forma necessariamente relacional. Homens e mulheres, rapazes e moças, definem-se e desenvolvem comportamentos adequados uns diante dos outros. O elemento operador dessa relação, que marca o espaço de definição do masculino e do feminino, é, de um lado, a sexualidade, como modo prático de sinalizar as diferenças de gênero em execução cotidiana; de outro lado, o vínculo social do casamento, pensado como lugar de realização pessoal individual, ou seja, constituído sob a égide do individualismo moderno, mas também como o lugar de reprodução da vida social, como a reprodução biológica materializada nos filhos, e de maturação de projetos partilhados de futuro (Leal, 1998), ou seja, os agentes parecem divididos, ou estruturados de modo contraditório, entre a sexualidade e o compromisso com a reprodução social. (PINHO, 2007, p. 138)

É se relacionando com mulheres brancas, não só de forma efêmera e rasa, e tendo filhos com elas, embranquecendo-se e embranquecendo a sua família, “limpando a família” (expressão muito usada por pessoas pretas mais velhas), que esses homens pretos e por consequência esses *crias* tentam provar para a sociedade e para si mesmos que são dignos de viver fora da marginalidade, é uma tentativa, falha, de tornar-se branco, pois mesmo assim continuarão sendo tratados da mesma forma socialmente. “O negro quer ser como o branco. Para o negro não há senão um destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca.”. Percebo que os *crias* entrevistados buscam sempre um estilo de vida branco e elitizado, embranquecer-se de várias formas, um exemplo disso é a preferência de relacionar-se com meninas brancas, entendo eu que numa tentativa de tornar-se branco e ser aceito. (FANON, 2008, p. 188)

É importante responder uma pergunta que sempre ouço/vejo quando o assunto é ser *cria*: só homens pretos podem ser *crias*? A resposta é não. Mas acontece que a maior parte dos homens favelizados, são pretos, em decorrência disso a maior parte dos *crias* também são pretos. Se for colocada em pauta as diferenças entre homens pretos e brancos que são *crias*, a maior delas, com certeza, é a visão que a sociedade tem sobre cada um e o tratamento direcionado aos mesmos. Homens pretos *crias* recebem um tratamento de preconceito desde sempre, um exemplo disso é quando esses eram denominados como Braus, apesar de muita

coisa ter mudado, pois ninguém queria ser chamado de Brau e os *crias* se orgulham em ser *crias*:

O curioso é que, ao mesmo tempo em que essa imagem funkificada era incorporada positivamente pelos jovens negros da periferia, era detestada e estigmatizada pela classe média que transformou a palavra brau em xingamento inequívoco, revelando os aspectos disputados dessa configuração. Paradoxal e curiosamente, brau não é uma categoria identitária, mas de acusação; melhor dizendo, a categoria/performance brau disputou-se na história das representações raciais. (PINHO, 2005, p.131 - 132)

Meninos brancos que tentam performar a estética de um *cria*, tem um tratamento completamente diferente. Esses são os estilosos, que inovam no estilo. A sociedade não direciona o mesmo olhar julgador que direciona aos *crias* pretos. Para ilustrar, trago a resposta de um dos *crias* entrevistados quando pergunto sobre a visão dos outros sobre o seu estilo: “eu acho que me julgam muito, os mais velho fica falando, oh pa la aquele menino não vai dar nada que preste, essas coisas”. Mano Brown diz em negro drama

*Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto
(RACIONAIS MC's, 2002)*

É como se o negro não tivesse o mínimo direito de ser apenas quem ele é, de ter a sua própria cultura, seu próprio estilo, suas próprias vivências, seu próprio jeito de ser sem que o branco se aproprie disso tudo e transforme em uma coisa que é sua, criminalizando essa coisa quando exercida por quem a criou. É mais uma vez inferiorização e roubo de direitos sobre o que o sujeito negro criou. É colocar o negro no lugar de não sujeito, inexistente e sem direitos. “Tendo em vista que o mundo negro ou o mundo antinegro é marcado pela não presença negra, ou “presença ausente” Vargas afirma sob a luz de Fanon que “O sujeito negro é o não sujeito, a referência necessária mais curiosamente ausente do campo de sujeitos””. (MOREIRA, 2021, p. 15)

É possível compreender esta proposição? Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p.160)

Como escreve muito bem Fanon, o negro é a sujeira, o pecado, tudo que representa de ruim, não é a toa que a estética de *cria* também se associa a isso. Mas ela muda de direção se performada por brancos, pois esses são a bondade, a pureza, é o símbolo do belo e do aceito. Então sim, branco pode ser *cria*, porque existem sim brancos favelizados. O branco *cria* precisa compreender que ele pode sim sofrer preconceitos por conta do seu estilo, mas o preto *cria* além do preconceito, ele ainda traz os estigmas do racismo, não é apenas um preconceito porque ele usa uma roupa ou um cabelo diferente, é porque é um preto usando uma roupa e um cabelo diferente. Parafraseando um *cria* “pensa logo que se envolve”, a sua imagem é logo associada ao crime.

De acordo com as entrevistas e rodas de conversa, pude constatar que todos os meninos entrevistados estão na linha de pobreza. Quando perguntados sobre a renda familiar, a maioria dos *crias* responderam que é de um salário mínimo. A maioria deles não trabalha e seu sustento advém dos seus pais, ou melhor, das suas mães, já que grande parte mora apenas com elas.

Quase todos os interlocutores residem na periferia da cidade de São Félix e dois deles, na zona rural. São Félix é uma cidade do interior da Bahia que ainda segue dinâmicas colonialistas em vários sentidos, como no pensamento da sociedade sanfelista sobre diversos assuntos, incluindo sobre o estilo dos jovens periféricos. Todos os jovens relataram que sofrem preconceito por sua estética de *cria*, que recebem olhares tortos, comentários maldosos, principalmente de pessoas mais velhas como relata um *cria*, “os povo da rua ainda critica assim, fala ah que isso e aquilo, oh o cabelo daquele menino, ficam criticando, entendeu”. Durante os dias de observação, pude perceber o olhar preconceituoso da escola como um todo direcionada a esses *crias*, sempre referindo-se a eles como “perdidos”. Mesmo diante disso, os *crias* participantes da pesquisa disseram que continuam a resistir com sua estética de *cria* todos os dias.

O Brasil, como todo território constituído da experiência colonial, tem uma história profundamente marcada pela hierarquização e domínio por meio das diferenças (HALL, 1980). Este fenômeno reflete-se na organização dos espaços, na representação dos grupos que compõem a população nas instâncias de poder, nas tradições celebradas, na liberdade de crença, nas relações cotidianas, na sociabilidade. Quanto mais distante de padrões ocidentais – considerados modernos –, mais vulnerabilizados são os sujeitos e suas práticas cotidianas. Desta forma, o simples fato de existir é, para alguns grupos/segmentos, um ato de resistência. (SANTOS, MORAIS, BORGES, CARDOSO, 2018, p.5)

Continuar existindo em uma sociedade totalmente colonialista, que hierarquiza corpos, como a sociedade sanfelista, é um ato de resistência. Mesmo que esses jovens não entendam, continuar sendo um *cria*, tendo uma estética de *cria*, é um ato de resistência. Estão sendo

subversos a tudo e a todos que tentam colocá-los em padrões brancos eurocêntricos. Seus corpos são a própria resistência.

Entende-se que a estética é a ciência da beleza. Mas neste trabalho, trato estética como um conjunto de elementos que formam um indivíduo, por exemplo, de onde vem, raça, classe, performance e não apenas a beleza. Pesquisar a estética de *cria* é pesquisar o que esses corpos querem dizer com os elementos que escolhem colocar sobre eles.

De modo que a estética, a forma e a aparência, como discursos não orais, permitem-nos acessar aspectos da vida social que de outro modo poderiam ficar silenciados, constituindo-se em importante ponte de acesso às subjetividades, às moralidades, às emoções, às políticas, às identidades coletivas. (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO 2019, p.10)

Visualizo uma estética porque, além de envolver muita preocupação com a beleza por parte dos entrevistados, existe uma gama de subjetividades por trás dessa preocupação com o belo. Não é apenas uma questão de gostos e preferências, é toda uma vida social que pode ser lida através da superfície. “Não há nada de superficial no que nos é revelado pela superfície dos corpos” (MIZRAHI, CARVALHO, MELLO, ALDUINO 2019, p.18).

CAPÍTULO II: MULHER E DINHEIRO, DINHEIRO E MULHER, QUANTO MAIS VOCÊ TEM, MUITO MAIS VOCÊ QUER

Começo este capítulo falando sobre a escolha do título. Já é de conhecimento de todos que o grupo de rap Racionais MC's narra o dia a dia da favela e do povo preto desde o início da sua existência. Os quatro componentes do grupo também foram e são referência de estética de *cria*, seja em suas roupas, no seu comportamento, nas suas letras, em tudo. Escolhi a música “Estilo Cachorro” porque em todas as suas estrofes, ela narra o que é ter estética de *cria*, desde o estilo quando ela diz “*Impressiona no estilo de patife, roupa de shopping, artigo de grife*”, até o comportamento quando canta “*Sabe chegar, sim, sabe sair, sabe ser notado e cogitado aonde ir*”. Por mais que as referências musicais dos *crias* atualmente sejam outras, tudo começou com eles. Os Racionais fizeram revolução e seguem sendo influência até hoje.

A ostentação e o consumo exagerado fazem parte da estética de *cria*. Isso fica claro em “Estilo Cachorro” em partes como, “*montado numa 900 azul novinha*”, referenciando uma moto, ou “*relógio caro, é claro, de marca quente*”, “*mulher e dinheiro, dinheiro e mulher, quanto mais você tem, muito mais você quer*”. Fica claro também quando os entrevistados ressaltam a importância do dinheiro em suas vidas a todo momento, “*se tiver moto e dinheiro, já foi, rapaz, as foveira de São Félix tudo quer*”. É perceptível ainda quando se observa quem

são suas referências musicais que são cantores de trap, rap, funk e pagodão baiano, artísticas e no esporte,.

Ser adolescente atualmente é estar na mira da influência para o consumo o tempo todo. Os meios de comunicação, sobretudo as redes sociais, bombardeiam esses adolescentes com propagandas que dizem o que eles “precisam” ter, precisam comprar, consumir, para estarem na moda e de certa forma para serem aceitos.

Devido à fragilização e destituição do Outro, ocasionado pelo enfraquecimento dos laços sociais que asseguram uma sustentação subjetiva, o adolescente muitas vezes se atrai pelo discurso do consumo que tenta promover a garantia de um gozo e evitar o contato com a falta. O objeto de consumo funcionaria, então, como uma tentativa de tamponar a angústia e apreender o objeto perdido através da oferta de prazer como forma de evitar o sofrimento presente no mal-estar do processo de adolecer. (SAFI, 2013, p.13)

Adolescer é um processo doloroso que acarreta muitas angústias. O medo de não se encaixar, a vontade de pertencer, de estar inserido em algum grupo, faz com que esses adolescentes se rendam ao consumo e façam de tudo para alcançarem esses objetivos e possuir certas coisas é um grande apoio a isso.

Proponho partir de uma definição: o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costuma ser explorados pelas pesquisas de mercado. (CANCLINI, 2010, p.53)

Esse desejo por obter certas marcas, acessórios, motos ou carros, não é um simples exercício de gostos, existem muitas questões por trás. Os *crias* sentem uma necessidade enorme de mostrar que podem tudo e qualquer coisa, a mídia contribui para isso de forma considerável. É uma necessidade de mostrar que o lugar de subalternidade em que estão inseridos não diz sobre eles, que independente de onde estejam, poderão o mesmo que a sociedade branca pode. Sabe-se que não é bem assim. Independente do que possuam ou não, sempre serão corpos pretos e periféricos, podem ter a moto mais cara, estar “*montado numa 900 azul novinha*” como dizem os Racionais, não conseguirão driblar os olhares e atitudes racistas.

Isso se dá também graças à cultura da ostentação pregada pelo funk, pelo rap, pelo trap e no contexto baiano, pelo pagodão. A maioria das letras exaltam uma vida cara, de luxos, que esbanja dinheiro por onde passa e só isso importa. Esse acaba sendo o maior desejo dos *crias*, viver o que essas músicas pregam. O funk ostentação, que teve seu início mais ou menos em 2012, deu o pontapé para isso.

Valendo-se de uma nova perspectiva sobre a periferia, que não mais se restringe a precariedade de vida, além de uma abordagem comunicativa que transborda os limites dos

bailes para ascender nas múltiplas telas do campo midiático, o funk ostentação inaugura um outro posicionamento político e estético do periférico no movimento funk brasileiro. Exclama, sobretudo, o luxo e a força orgástica dos bens materiais, utilizando-se da retórica elitista que sempre subjugou a juventude periférica, para, justamente, projetá-la e alcançar reconhecimento e distinção social. (REZENDE, 2016, p.6)

Coisas como a educação deixam de ser importante nesse mundo da ostentação e dão espaço apenas para o dinheiro e o luxo, o que importa apenas é fazer o “malote” e mostrar para o mundo o que você pode ter. Ostentar traz uma sensação de poder e é isso que esses jovens *crias* buscam, ter poder, distinção social. Quando coloco o trecho de Estilo Cachorro que diz “*Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher, quanto mais você tem, muito mais você quer*” e pergunto para os *crias* qual a importância de dinheiro e mulher nas suas vidas, um deles dá uma resposta que ilustra muito bem isso que acabei de citar:

“Porque com dinheiro as coisa é mais fácil, a mulé só ta ali pa sugar o que você tem, tá ligado? Tipo, é que nem a pessoa que fala pa você pagar uma coisa e fala que você não tem dinheiro, só ta ali pa sugar tudo que você tem, mas não ta ali pra somar junto com você. Então pa mim o dinheiro é mais importante, porque uma hora a mulé não vai ta ali contigo, o dinheiro vai ta sempre com você, tipo você tem uma parada, você quer ir lá, você vai la e compra com o dinheiro, você que ir prum ligar, você vai la e vai.”

Durante toda a entrevista e nas duas rodas de conversa eles seguiam sempre exaltando o dinheiro, o poder de compra, de possuir produtos que mostrem para os outros que eles estão com o “malote”. Nessa perspectiva acabam consumindo marcas que não estavam interessadas nesse tipo de público e que antes eram marcas que demonstravam distinção social e acabam virando marcas de favelado. Um exemplo disso é a Lacoste, que acabou se popularizando no meio do trap por causa de cantores como MC Poze do Rodo e MD Chefe, que tem uma música nomeada de “Rei Lacoste” que diz “*Moda casual de luxo, tô chique confortável, estilo thuthuco, rei Lacoste indomável*”. É comum ver vídeos desses cantores de trap em lojas da Lacoste comprando muitas coisas. O MC Poze do rodo, por exemplo, ostenta cordões luxuosos em ouro e pedras preciosas, cena comum entre cantores de funk ostentação e trap. São eles que estão nos aplicativos de streaming dos *crias* e eles que representam quem esses *crias* almejam ser.

É característico o usufruto de espaços de sociabilidade, competições no grupo de amigos, acesso e facilidade de manuseio de recursos tecnológicos, primeiras vivências sexuais e mais recentemente, a importância e a necessidade iminente em consumir para obtenção de uma felicidade, que na reflexão de Lipovetsky (2007), é paradoxal, pois, estes adolescentes buscam, no consumo, suprir necessidades e angustias que a desigualdade social e a realidade de pobreza e/ou miséria reproduzem na subjetividade do ser, trazendo aquela felicidade externa (social) que não transcende à infelicidade interna (emocional). (SILVA, 2015, p. 88)

Esses cantores que ostentam hoje em dia, foram crianças e adolescentes que foram privados de ter muitas coisas. Quando se tornam adultos e conseguem o poder aquisitivo seja

por qual meio for, eles tentam obter tudo aquilo que não puderam ter, de forma exagerada. Quando perguntados sobre sonhos, a maioria das respostas envolvia ter dinheiro, ostentar de alguma forma. A educação não importa mais, apenas fazer dinheiro. É urgente a necessidade de sair da linha de pobreza em que estão inseridos e eles estão dispostos a fazer o que for preciso para que isso aconteça.

Nem sempre os meios para entrar na tão pregada ostentação são os mais convencionais. Primeiro é importante ressaltar que quando se é pobre e favelado as oportunidades são totalmente escassas. Não se tem empregos de qualidade. Na maioria das vezes a educação deixa de ser priorizada e dá lugar ao trabalho, pois precisam ajudar a sustentar suas casas e se sustentar. Quando se trata de cidades interioranas a situação é ainda pior. Na cidade de São Félix, local da pesquisa, não é diferente, a respeito disso o antropólogo Gimerson Roque Prado de Oliveira, em sua pesquisa intitulada “Perspectivas Multisituadas de Masculinidades Negras em São Félix, BA”, traz em sua etnografia a fala de uma moça sanfelista que diz:

Por fim, quando dialogamos acerca de emprego e renda as respostas puderam confirmar as notas etnográficas postas acima. “Aqui em São Félix nunca teve meio de emprego. Meu marido mesmo ele tem agora três anos desempregado, quando eu conheci ele, ele já trabalhava “fora”. Então os “pais de família” daqui tem que sair da cidade pra trazer o alimento, as mulheres ficam na cidade e eles depositam o dinheiro. Porque a área que mais emprega é a construção civil (carpinteiro, pedreiro, armador), hoje nem tanto já que meu marido tem três anos desempregado. Então hoje, com essa crise que o país vem enfrentando o índice de pobreza em São Félix está maior, desemprego. Aqui o comércio está fraquíssimo [...] não tem emprego. A prefeitura não tem como dá trabalho a esse povo todo. O comércio é fraco pra empregar pessoas, muito carente”. (2017). (OLIVEIRA, 2023, p. 24)

Através dessa cultura do consumo, esses *crias* buscam, sobretudo, reconhecimento. Reconhecimento da sociedade branca ocidental e reconhecimento perante seus iguais. Eles buscam também se reconhecer, pertencer a algum lugar, a algum grupo. Precisam estar vestidos com as marcas que a favela toda está usando, os acessórios que seus artistas favoritos estão usando, falar igual eles falam, se comportar igual também. Para exemplificar trago o meu irmão Neto, que citei no início desse trabalho como uma das minhas inspirações. Neto é fã de trap, seus cantores favoritos são o Tz da Coronel e o Mc Poze do rodo, ele tenta se vestir e se comportar igual a eles, sempre com cordões enormes no pescoço, roupas da Lacoste, brincos, dedeiras e relógios enormes também, mesmo que falsificados, mas busca sempre estar no mesmo estilo que as suas referências. Seguem abaixo fotos comparativas:

Figura 1- Tz da Coronel



Fonte: Rap Mídia, 2023

Figura 2 - Mc Poze do Rodo



Fonte: O Globo, 2023

Figura 3 - Neto, meu irmão.



Fonte: Instagram 57nt._

O uso de marcas no local onde vivem, na comunidade ou nas instituições de medidas socioeducativas, por exemplo, denota a realidade de adolescentes-jovens que almejam um reconhecimento não somente social, mas também pessoal e comunitário, sobretudo com o propósito de diferenciação e status. A compra de produtos de marcas ainda é mais enaltecida por esses adolescentes-jovens quando é retratada no mundo ilícito das drogas, principalmente no mundo do tráfico de drogas. (DE SOUZA, 2022, p.4)

Como já foi dito aqui e retratado pelos *crias* nas entrevistas, eles se espelham bastante em pessoas da sua comunidade, um deles quando questionado sobre disse: “No meu pai, *cria* do arenoso, dono do arenoso”. Referia-se ao pai, que fazia parte do comando do comércio varejista de drogas no bairro do Arenoso em Salvador- BA, falava isso com o maior orgulho.

É comum nas favelas que homens à frente desse tipo de comércio seja referência para esses *crias*, referência estética e de uma vida de ostentação. A forma com que esses homens conquistam acaba que consequentemente vira referência também. Tornando-se a vida no crime uma alternativa de emprego para conquistar a tão sonhada ostentação e na maioria dos casos é a via mais fácil ou a que está mais próxima de se conseguir, que é o caso de São Félix. Acaba que jovens têm a sua vida ceifada, precocemente, pelo desejo de se obter bens materiais.

Muitos jovens, atravessados pela cultura consumista, alienados a submeterem-se à sociedade do capital, resolvem esse impasse por modos legitimados na atualidade: individualista e agressivo. O ato infracional pode ser uma estratégia para resolver o problema do despertencimento social, um atalho para o reconhecimento, uma vez que não haveria sentido postergar um gozo em nome de uma promessa de futuro que não acontecerá. (SAFI, 2013, p. 24-25)

Isso explicaria também o temor que esses meninos têm da polícia militar, polícia essa que em contexto baiano, é a mais violenta do Brasil, importante ressaltar. A polícia militar é uma instituição completamente racista, isso não há como negar. Esse medo não é do nada:

A legitimação do extermínio de um tipo de sujeito específico, categorizado por raça e gênero, que é o homem preto podem ser vistos nos dados do IPEA do ano de 2017 mostrando que a cada 100 pessoas que morrem por armas de fogo no Brasil, 73 são jovens e negros do sexo masculino, que continuam sendo assassinadas como se vivessem em estado de guerra. Ainda segundo o mesmo, jovens negros na faixa etária dos 15 aos 29 anos do gênero masculino são os principais afetados por violência policial na maioria dos estados do Brasil, ou seja, são os maiores alvos de um sistema genocida disfarçado de plano de nação. (VARGAS, 2010; 2016; MAPA DA VIOLÊNCIA, 2017). (MOREIRA, 2021, p.17)

Desde muito crianças esses jovens são submetidos à violência policial. Abordagens violentas, torturas psicológicas, morte de amigos e familiares que são corriqueiras e naturalizadas. Questionei os *crias* sobre isso, o que eles sentiam em relação a polícia militar e obtive respostas como “a polícia é perturbada demais, rapaz”, um outro me relatou que uma vez quando estava indo para um estúdio gravar, pois ele é músico, a polícia o abordou violentamente, revistou o seu celular e tirou fotos do seu rosto, esse mesmo *cria* relatou que teve um irmão assassinado pela polícia.

Um dos *crias* levantou uma questão que é interessante de se analisar. Ele respondeu que “na frente da polícia eu tenho que me fingir de menino amarelo”, questionei-o se isso adiantava e ele respondeu que “quando eu tava com meu primo na pista, eles parou nois, não adiantou ta com cara de menino amarelo”. Confirmando assim que quando se é preto e favelado, ainda mais quando se tem uma estética de *cria*, não importa o que você faça, sempre será um alvo da polícia. Lembro-me de dois episódios que ocorreram com o meu irmão, o primeiro ocorreu quando ele tinha entre oito e dez anos de idade, ele estava sentado na porta de casa com o amigo dele, também da mesma faixa etária, quando a polícia abordou o meu primo (que relatei no início que foi assassinado) violentamente, meu irmão no desespero do momento, correu para a casa da minha avó que era perto, um dos agentes da PM, apontou uma arma para ele, usou palavras completamente pejorativas direcionadas ao meu irmão, que fez ele se urinar de tanto medo, só pararam quando saímos para defendê-lo. O outro relato aconteceu esse ano, quando ele saiu de casa para comprar pão, a polícia o perseguiu até a padaria e já o abordou apontando uma arma para ele lá dentro mesmo, questionando se ele era traficante, onde ele morava, se ele sabia onde era a boca e mesmo ele respondendo, eles só pararam quando as funcionárias da padaria disseram que o conhecia, que ele estava falando a verdade e mesmo assim eles o seguiram até em casa e nesse dia, o meu irmão nem estava usando roupas e acessórios que fazem parte da estética de *cria*.

Trago esses relatos, para dizer que o temor da polícia tem fundamentos e motivações e nada melhor do que a vivência dos *crias* interlocutores dessa pesquisa para ilustrar isso. Não são apenas dados, é o cotidiano desses meninos, o que eles passam todos os dias só por serem quem são.

Levando em conta que esse banco de dados com obteve seus números coletados entre o período de 2001 e 2018 e eu estou escrevendo esse trabalho em 2021 certamente os números já subiram, mesmo havendo essa pandemia do COVID- 19, que atingiu o mundo inteiro, as favelas de Cachoeira continuaram sendo espaços antinegros padecendo com a necropolítica aplicada pelo Estado traduzidas de operações policiais em combate ao tráfico de drogas, transformando as comunidades mais carentes e consequentemente mais negras em lugares mortíferos, sucedendo de 25 maneira direta uma guerra racial disfarçada de segurança pública (MBEMBE, 2001; ALVES, 2010; VARGAS 2016; AGANJU 2020). (MOREIRA, 2021, p.24-25)

Toda essa violência é fruto da dita “guerra às drogas”, que é na verdade guerra racial. Os *crias* são submetidos a essa guerra durante toda a sua existência, por mais que não queiram, que tentem fugir disso, não conseguem. As dores de ser preto, inserido em um meio que extermina seus corpos demasiadamente vão lhes perseguir durante toda a sua vida, não adianta correr. Já dizia Racionais Mc’s na introdução de Capítulo 4, Versículo 3, “60% dos jovens de periferia SEM ANTECEDENTES CRIMINAIS já sofreram violência policial”. E não precisa ser de periferia, o cantor de rap Djonga, relata que uma vez quando foi buscar a mulher e a filha em sua Porsche (carro de luxo), parou na contramão e com os faróis ligados, pois era madrugada, foi abordado violentamente por policiais, que lhe insultaram bastante, ele os retrucou e foi detido por desacato às autoridades. Não adianta onde esteja e quanto dinheiro tiver, sua cor chega antes de você.

São corpos estigmatizados. Trago Goffman para seguir a discussão:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 1998, p.6)

Corpos pretos, e nesse caso corpos de homens pretos, são corpos que carregam o estigma de corpos criminais. Corpos que nascem para serem marginais, máquinas de cometer qualquer tipo de crimes existentes nos códigos penais. Não há como apagar esse estigma que cega a sociedade branca ocidental em relação aos corpos racializados. Por mais que se tente

parecer um “menino amarelo” um *cria* sempre vai ser um *cria*. Sua estética sempre vai ser marginalizada.

Em decorrência disso, há hoje em dia uma alta valorização da autoestima, isso está associado a um processo de individualização associado às noções de prestígio de ascensão social, valorização dos projetos pessoais (VELHO, 1987). Esses *crias* estão cada vez mais preocupadas com o que vestem, com os acessórios que usam, com seu estilo de cabelo. Precisam estar sempre acompanhando a moda da favela, também na tentativa de estarem bem consigo mesmo e com o outro, entendo eu. Os *crias* relataram desde as entrevistas até as rodas de conversa a importância de estarem sempre muito bem arrumados. Não é um projeto individual “puro”, sobre isso, Gilberto Velho diz que:

Coloca-se como problema a relação entre projetos individuais e os círculos sociais em que o agente se inclui ou participa. A ideia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. (VELHO, 1987, p. 26)

Durante as minhas observações pude perceber o quanto levam a sério isso de se manter sempre “na estica”, parafraseando Mano Brown. Os cabelos estão sempre impecáveis, cada um no seu estilo, uns com o cabelo na régua, outros com seus cachos sempre definidos, outros com tranças. Os acessórios, sempre presentes também. Pude perceber que até as mochilas estavam inseridas nessa estética de *cria*. Eles dizem que precisam estar sempre “paloso” para não ficar parecendo “menino amarelo”. Meu irmão passa horas se arrumando, não dá um passo para fora de casa se o cabelo não estiver na régua, meu primo Samuel (in memoriam), fazia o mesmo, passava horas enrolando seus cachinhos.

Figura 4 - Samuel, meu primo.



Fonte: Grupo de Whatsapp

Figura 5 - Cria Ronisson.



Fonte: Grupo de Whatsapp

Figura 6 - Cria Francismário.



Fonte: Grupo de Whatsapp

Figura 7 - Cria Hiago.



Fonte: Grupo de Whatsapp

Figura 8 - Cria Vitor Hugo



Fonte: Grupo de Whatsapp

A fotos acima mostram essas características e a preocupação desses *crias* com a autoestima, com a aparência. Ilustram também os vários tipos de estética de *cria*. O *cria* Ronisson e o *cria* Francismário tem uma estética de *cria* influenciada pelas favelas baianas, usando Seaway e copiando marcas de fora, como a Gucci. Já o *cria* Vitor Hugo e o *cria* Hiago tem um estilo streetwear. Meu primo Samuel segue o estilo dos cantores de traps. Mas independente de qual seja o seu estilo, sempre valorizam estar na “pala”.

Essa preocupação crescente com a autoestima é um sinal de que os jovens *crias* não querem mais estar nesse lugar que tanto pregaram de relacionar o feio, fora de moda e sujo ao preto. Eles buscam driblar esse estigma. Até no colégio, onde antes era um lugar onde os adolescentes não se preocupavam tanto com a estética, se torna um espaço onde isso é supervalorizado. Esses *crias* vão extremamente arrumados para as aulas e sempre arrumam um jeito de adequarem o uniforme do colégio a sua estética.

Pode-se tirar pontos positivos e negativos dessa questão. Começo pelos positivos. Esses *crias* estão driblando a ideia branca de belo. Estão mostrando que independente de julgamentos e de tentativas para que isso acabe, eles têm o seu estilo próprio e não estão dispostos a mudar. Isso influencia na sua autoestima e influencia também para que gerações futuras de *crias* possam expressar a estética que quiserem. Como pontos negativos consigo identificar a criação de novos padrões de beleza, excluindo outros *crias* que não se encaixam nessa estética, ocasionando problemas como a baixa autoestima e sentimento de despertencimento, sentimento de não se encaixar em uma realidade que também deveria ser sua, e ainda não se encaixarem na heteronorma imposta a eles.

A mídia tem um papel importantíssimo na estética de *cria* e nessa geração atual, a internet é a principal. Os *crias* são bombardeados diariamente com informações sobre como se vestir, como se comportar, como viver. Acompanham a vida dos seus artistas preferidos, influencers e jogadores que mostram a ostentação em todas as suas nuances e é essa vida que esses *crias* desejam viver. As redes sociais hoje em dia são as grandes responsáveis por propagar um modelo de vida a ser seguido, e isso se dá através do consumo do que essa mídia influencia.

A estética de um *cria*, é uma estética cara. Portanto, os *crias* precisam buscar formas para conseguir sustentá-la. Uma dessas formas é o uso de peças falsificadas. Por mais que alguns dos meus interlocutores não admitam que usam réplicas, observando-os pude perceber que usam sim, essa negação pode vir do formalismo que coloca o consumo para pessoas em situação de pobreza apenas como um meio de sobrevivência, transformando a pirataria em moralmente incorreta (SCALCO E MACHADO, 2010). Um deles disse “eu gosto mais de usar original, original é caro mais é palosa também”, o fato de mostrar para os outros que pode comprar a peça original, é muito mais importante que usar a marca original propriamente dita, ou seja, possuir bens valorizados significa negociar a condição de classe (SCALCO E MACHADO, 2010, p. 328).

As gêmeas cantoras de trap Tasha e Tracie, grandes influenciadoras da moda das *crias* mulheres, que por mais que não tenham tanta visibilidade quanto os *crias* homens, elas existem, possuem uma música chamada “Arrume-se comigo” que diz:

*A-a-acordei às dez
Fui na 25, tinha seis de 100
Réplica primeira linha, por 200, levei três
Galeria da ladeira, é onde compro meus pingente
(...)
Strass nessa preta, vira diamante
E, e não importa se é barato
Minha pele deixa caro
(...)*

Na música, as cantoras falam sobre a estética de uma *cria* e falam sobre o momento em que não tinham condições financeiras o suficiente para comprar as marcas originais, mas não importava, o que realmente importa é estar palosa, independente do preço que se tenha pago. O que observo com os *crias* é que fazem o mesmo, mas também não deixam de buscar meios para se obter os produtos originais, ainda assim, o importante é estar na pala.

Buscar formas alternativas de se conseguir o dinheiro para sustentar a estética também é uma opção. Os *crias* fazem bastante “bolo” (troca ou repasse de objetos), trocam dedeiras que já usaram por correntes, vendem para os parceiros para conseguir dinheiro para comprar outros acessórios, etc. O meu irmão está sempre fazendo bolos para comprar suas roupas e acessórios e assim manter a estética de *cria* sempre atualizada.

Finalizo este capítulo trazendo uma reflexão sobre o quanto esses *crias* se preocupam com a visão do outro. Estão sempre buscando a aprovação dos outros *crias*, sempre preocupados com o que o outro vai pensar. Fanon diz que “preto é comparação”, estão sempre preocupados com a valorização do outro, é uma questão de ego, de mostrar que pode, não só a seus iguais, mas ao branco também (FANON, 2008). Entendo que parte da estética de *cria* é exatamente isso, esse desejo de mostrar para o outro que pode, que tem condições de ostentar.

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, p. 180)

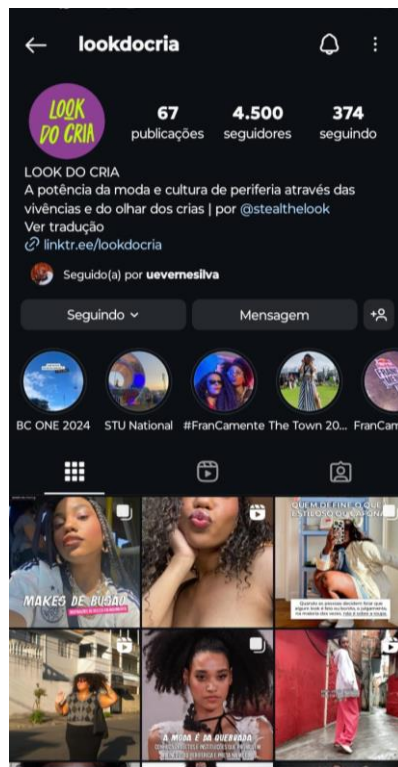
É o reconhecimento dos parceiros, das novinhas, das crianças e das redes sociais que o *cria* busca a todo tempo. Por mais que ter uma estética de *cria* seja uma afirmação de quem se é, é também a busca do reconhecimento do outro.

2.1: ANEL DE OURO COMBINANDO COM AS CORRENTES, RELÓGIO CARO, É CLARO, DE MARCA QUENTE

Importante colocar em evidência a linguagem utilizada pelos *crias*. Como já foi dito aqui, os *crias* possuem uma linguagem própria, um jeito próprio de se comunicarem entre si e isso ficou ainda mais evidente com os dias de observação, as rodas de conversa e as entrevistas. O uso de gírias é universal no meio dos *crias*. “Paloso”, para definir o *cria* que se veste bem; “Tá ligado”, que pode significar muitas coisas, mas é um tipo de confirmação se você está entendendo ou não o que se está querendo dizer; “novinha”, se referindo as meninas”; “posturado”, indicando o *cria* que tem uma postura... dentre inúmeras outras gírias que os *crias* usam. Esse uso de gírias é uma forma de demonstrar pertencimento ao grupo também, além de ser um mecanismo de proteção, no sentido de que a maioria das pessoas de fora desse meio não entendem muita coisa do que se é falado por eles.

Esse jeito próprio de se comunicar característico das favelas, não envolve apenas o uso de gírias, mas expressões culturais, artísticas, modos de vida, criados pelos *crias* e por todas as pessoas que habitam esse lócus como uma estratégia de sobrevivência, ou seja, já que não sou aceito por uma sociedade branca, crio minha própria forma de sobreviver para que os meus sejam acolhidos e tenham onde e como se reconhecer. Nessa entram música, dança, estética, língua... recentemente, em 2024, viralizou nas redes sociais o “passinho da Kenner”, onde jovens periféricos dançam uma espécie de sapatiado usando sandálias Kenner.

Atualmente a estética de *cria* tem se popularizado e ganhado visibilidade graças ao acesso a internet. *Crias* falam para *crias* e levam essa estética para fora da bolha. Páginas nas redes sociais (Instagram e TikTok) e influenciadores digitais como o Chavoso da USP são grandes responsáveis por isso. Para exemplificar, tem a página “Look do *Cria*” que tem o objetivo de propagar a moda e a cultura das favelas através da estética de *cria*.

Figura 9- Página Look do Cria.

Fonte: Instagram

Figura 10 - Chavoso da USP.

Fonte: Instagram

Toda essa visibilidade é extremamente importante para os *crias*, mas é necessário que se tenha um cuidado para que quem criou a estética e quem sempre apanhou para sustentá-la não seja invisibilizado. Porque como já pode-se perceber, ser um *cria* é muito mais do que colocar uma roupa ou um acessório.

A noção do que é moda que é socialmente aceita desde a sua concepção até os dias de hoje, está associada ao que a branquitude ocidental entende e aceita por belo.

Ainda que frequentemente aplicado às mais diversas áreas de saber, a moda nomeia um campo específico de relações sociais, sobretudo aquelas em torno dos objetos de vestuário e seu valor de troca. A noção de moda, na acepção comumente aceita no Ocidente, estabelece uma associação entre vestuário e elementos relacionados à inovação, à criação e à modernidade. Compreendido como um aspecto exclusivo de sociedades ocidentais europeias, o vestuário convencionou formas de relacionar-se com roupas e adornos (Sahlins, 2003) e apresenta essa associação de maneira naturalizada. Ao ser administrado nessa acepção, torna-se popular e culturalmente aceito que essa relação com o vestuário é exemplar, construindo a ideia de que apenas determinadas sociedades, temporal e localmente qualificadas, são capazes de permanentemente inovar em suas roupas e adornos de maneira criativa. (MEDRADO E SANTOS, 2023, p. 3)

A favela, e portanto, os *crias*, faz parte da parcela da sociedade que não se encaixa nessa noção de modernidade. Todos que estão na linha de pobreza são considerados atrasados, incapazes de inovar, de produzir, por esse fato não estão na moda. A estética da favela é e sempre foi motivo de riso, não é moda, alta costura, não é bonito. E ainda aquilo que um dia foi considerado moda, como algumas marcas, a exemplo da Lacoste, quando passa a se popularizar dentre os *crias*, passam a ser totalmente desprezados pela parcela branca e rica da sociedade. A marca de sandália Kenner é outro exemplo disso, antes usada por surfistas brancos, se popularizou entre os *crias* e passou a ser moda de favelado, hoje em dia a marca se apropriou disso e virou marca registrada dos *crias*, fazendo com que ela crescesse cada vez mais.

Pode-se associar o uso de determinadas marcas pelos *crias* a uma tentativa de demonstração de mudança social, a respeito disso Medrado e Santos dizem que:

Contudo, ao se referir, por exemplo, aos trajes de sociedades africanas, parece haver uma diferença nos processos de associação entre o vestuário e os processos de mudança social. A literatura histórica sobre a indumentária das sociedades, assim como frequentemente ocorreu na história, de modo mais amplo, valoriza a indumentária egípcia e, posteriormente, insere a moda africana em uma espécie de caixa de “irrelevância” histórica, cuja falta de importância remete a uma suposta ausência de capacidade desse povo de acompanhar as mudanças sócio-históricas que parecem exclusivas à Europa. (MEDRADO E SANTOS, 2023, p.5)

É como se o vestuário do passado que compõe a indumentária dos europeus os tivesse conduzido, de maneira evolutiva, “À” moda. Por outro lado, a indumentária de povos colonizados, por sua vez, os “sem história” e “sem moda” (Allman, 2004), os leva no tempo presente a um eterno devir. Como resultado, só resta aos colonizados a prática da cópia da moda do colonizador, o retrato, a renderização da

modernidade que nunca estará ao alcance do colonizado. (MEDRADO E SANTOS, 2023, p.5)

É como se os *crias* enxergassem no seu algoz, a vida perfeita e na tentativa de também ter uma vida perfeita, imitasse a sua estética, a sua moda fazendo o uso de algumas marcas, tentando mostrar a todo tempo que também podem e que querem ser enxergados, mesmo que isso não mude nada, porque ainda que estejam portando a marca mais cara, o cordão de ouro mais pesado, ainda são *crias* e favelados.

Essa é uma faca de dois gumes, porque ainda que os *crias* estejam consumindo de uma cultura que não os aceita, eles fazem a sua própria estética, cada vez mais autêntica e inovadora, com seu estilo e comportamentos próprios.

É passível de análise também, o fato de que todos os *crias* quando vão tirar fotos, escondem os rostos, isso é notável nas fotos do capítulo anterior e na foto abaixo. Observando as redes sociais percebi a mesma coisa, além de que eles postam cada vez menos fotos, às vezes nem postam. Elaborei duas hipóteses que podem justificar este fato. Primeiro, pode ser por conta de manter a postura, o mistério. Segundo, o medo pode ser o responsável por isso. Não querer ser reconhecido em fotos pela polícia, por outros jovens de bairros ou cidades que são rivais, pode justificar esse ato de esconder o rosto.

Figura 11- Crias ao final da primeira roda de conversa.



Fonte: trabalho de campo

Indaguei aos *crias* na pergunta sobre sonhos. Todos, sem exceção, me responderam que sonhavam em ter família e dinheiro. Que me levantou outro ponto importante, durante os anos em que moro na cidade de Cachoeira e transito na cidade de São Félix, percebi que a

maioria dos meninos tem filhos cedo, na entrevista um deles até disse “eu quero ter um filho cedo, pa aproveitar. Não sei vocês, mas eu acho que eu vou morrer cedo”. A cidade não oferece oportunidades e mata esses corpos pretos todos os dias, na pesquisa de Gimerson Roque Prado de Oliveira, conseguimos notar o quanto genocídio de corpos negros está presente em São Félix. Deixo a pergunta para quem está lendo: como que em uma cidade que demonstra todos os dias que quer te ver morto e que você não tem alternativas, você consegue sonhar algo além disso? Ter uma família, se manter vivo e ter dinheiro são os únicos sonhos que restam para esses jovens.

CONCLUSÃO

Começo a conclusão deste trabalho invocando a importância do uso de fotografias para a composição da etnografia. Fiz questão de exemplificar com fotos do que se tratava a estética de *cria*, para que o leitor pudesse entender o que se tentou demonstrar em palavras. Optei também pelo uso da fotografia para que os interlocutores da pesquisa fossem de fato enxergados, não apenas em suas falas, mas em suas fotos, fotos essas que foram escolhidas e enviadas pelos mesmos.

Adotar a fotografia como um instrumento metodológico para a antropologia é consequência das seguintes preocupações: (1) dar forma às vozes e olhares que contribuem para o relato etnográfico; (2) adicionar uma outra dimensão, entre outras possíveis, capaz de tornar o encontro etnográfico mais pessoal e reconhecível; e (3) permitir que o sujeito cogoscível se tome um participante ativo na representação dele mesmo e de sua cultura (Bittencourt 1993). (BITTENCOURT, 1993, p.231)

Por mais que eu já tivesse um certo contato com a estética de *cria*, quis ir em busca dos próprios atores dessa estética. Busquei saber dos próprios *crias* do que se tratava essa estética, para que conseguisse ver aquilo que pudesse passar despercebido aos meus olhos de pesquisadora. Tentei que as minhas concepções não passassem por cima do que os próprios *crias* entendiam que é ser um *cria*.

Em qualquer sociedade e/ou cultura é possível distinguir áreas ou domínios com um certo grau de especificidade. É importante, no entanto, para o antropólogo verificar como os próprios nativos, indivíduos do universo investigado, percebem e definem tais domínios para não cairmos na armadilha muito comum de impormos nossas classificações a culturas cujos critérios e crenças possam ser inteiramente diferentes dos nossos ou que possam parecer semelhantes em certos contextos para diferirem radicalmente em outros. (VELHO, 1987, p. 18)

Portanto, é necessário para a Antropologia que se questione o que é familiar, e foi isso que busquei nesta etnografia, questionar o que para mim era familiar e corriqueiro e entender a fundo suas motivações, conceitos e relevância.

De qualquer forma o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em

perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes histórias mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. (VELHO, 1987, p.132)

O questionamento principal proposto neste trabalho é o que é ter uma estética de *cria*, entendendo que não é apenas usar certo estilo de roupas, acessório ou ouvir certos tipos de música, ser um *cria* para além de representar o lugar onde você nasceu e se criou é sustentar essa estética tendo que lidar com todos os prós e contras que isso pode lhes trazer. Violência policial, olhares tortuosos e preconceito por parte de uma sociedade em que você está inserido, genocídio dos seus corpos - se trata majoritariamente de corpos pretos - dentre muitos outros obstáculos que os *crias* enfrentam diariamente. Ser um *cria* e performar essa estética é sobretudo resistir pelo direito de ser e ter a sua própria cultura.

Além de tudo isso, ter a estética de *cria* é lidar com uma sociedade que ao mesmo tempo que te exclui, tenta lucrar com você pregando a ideia fixa de que “você é o que você tem” e que esse é o único caminho para se alcançar a tão sonhada mudança de vida, não importa como você vai fazer para ter, o importante é ter.

Pude perceber durante o campo, entrevistas e rodas de conversa que ter a estética de *cria* tem ajudado de forma significativa no aumento da autoestima de meninos pretos e na sua autovalorização. O que é de grande importância para um povo que viveu desde sempre se percebendo como feio e tentando se embranquecer de alguma forma. Arrisco dizer, que a evidência dessa estética de *cria* colabora para a valorização da cultura negra, mesmo que em contexto de juventude.

No decorrer dessa pesquisa consegui enxergar de fora do que se trata ter uma estética de *cria*, ser um *cria*. Consegui transformar algo que era doloroso pela lembrança dos meus primos em algo que fizesse sentido para mim e que representasse meio de mudança social para os interlocutores da pesquisa. Espero que todos eles tenham a oportunidade de ver o que se tornou as minhas idas ao colégio e nossos encontros, além das conversas com meu primo e meu irmão e se sintam representados de alguma forma. O meu único desejo é que esses *crias* se sintam representados.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Luciana. **A fotografia como instrumento etnográfico**. Anuário antropológico, v. 17, n. 1, p. 225-241, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. In: Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 2010. p. 227-227.
- CARNIEL, Fagner; THOMAZ, Daniara. **Quando o campo é o estágio: etnografia e formação docente**. Campos–Revista de Antropologia, v. 22, n. 2, p. 115-131, 2021.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética negra em Salvador (1996-2005)**. ANPUH-SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 25, 2009
- DE OLIVEIRA SANTOS, Heloísa Helena; MEDRADO, Michele-Mi. **Moda e Decolonialidade: Colonialismo, vestuário e binarismo**. Revista TOMO, v. 42, p. e17545-e17545, 2023.
- DE SOUZA, Elizabeth Leão Bening; FERNANDES, Raquel de Aragão Uchôa. **“Já viu o meu tênis, tia? Você tem um assim?”: o consumo material entre adolescentes-jovens privados de liberdade**. Signos do Consumo, v. 14, n. 2, p. e201653-e201653, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. EDUFBA. 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- MIZRAHI, Mylene et al. **À procura da estética adequada: raça, gênero e geração no espaço escolar**. Crítica e Sociedade, p. 148-167, 2019.
- MOREIRA, Danrley. **Cês acharam que eu ia morrer cedo? - Narrativas e projetos de vida de jovens homens negros em contexto de antinegritude, uma análise no bairro da Rua da Feira, em Cachoeira - BA**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2021.
- OLIVEIRA, Gimerson Roque Prado. **PERSPECTIVAS MULTISITUADAS DE MASCULINIDADES NEGRAS EM SÃO FÉLIX, BA. 2023**. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador, 2023.
- PINHO, Osmundo. **Brincadeira de Negão”: Subjetividade e Identidade entre Jovens Homens Negros na Bahia (Brazil)**. 2014.
- PINHO, Osmundo. **A" Fiel", a" Amante" e o" Jovem Macho Sedutor": sujeitos de gênero na periferia racializada**. Saúde e Sociedade, v. 16, p. 133-145, 2007.
- PINHO, Osmundo de Araújo. **Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador**. Revista Estudos Feministas, v. 13, p. 127-145, 2005

PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa (orgs.). **Antinegitude: O Impossível Sujeito Negro na Formação Social Brasileira**. Salvador: Edufba, 2022.

REZENDE, Aline da Silva Borges. **Funk paulista, culturas bastardas e narrativas pop-líticas: Um olhar sobre as outras lógicas de existência periférica na ostentação**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo–SP. 2016.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 2010.

SANTOS, Jaqueline et al. **Reexistir: apontamentos da articulação entre cultura e política de periferias**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2018.

SAFI, Sofia de Souza Lima. **Consumo, logo existo: o atravessamento da cultura consumista em jovens em cumprimento de medidas socioeducativas**. 2013.

SCALCO, Lucia Mury; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica**. Revista de Antropologia, p. 321-359, 2010.

SILVA, Thiago Rodrigo da. **Pratas, lacoste, grana e novinhas: um estudo sobre a construção social da adolescência através do ato infracional**. 2015.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Zahar, 1987.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Editora Artes Médicas, 1991.

Fonte: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/panorama>. Acesso em: 17 de setembro de 2024.

Fonte: RAPMÍDIA. Disponível em: <https://rapmidia.com.br/tz-da-coronel-nota-do-feat-kawe-e-vulgo-fk/>. Acesso em: 22 de Maio de 2024.

Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/noticia/2023/08/09/quem-e-o-mc-poze-do-rodo-funkeiro-que-teve-seu-show-cancelado-pelo-governo-do-rio.ghtml>. Acesso em: 22 de maio de 2024.